

# GUNGUNHANA

## Ungulani Ba Ka Khosa



A história de Gungunhana,  
o último imperador de Gaza,  
na voz de um dos grandes romancistas  
moçambicanos contemporâneos

UNGULANI BA KA KHOSA

# GUNGUNHANA

UALALAPI

*seguido de*

AS MULHERES DO IMPERADOR

## ÍNDICE

Nota do Autor .....	7
Fragmentos do Fim (1) .....	13
UALALAPI.....	15
Fragmentos do Fim (2) .....	31
A Morte de Mputa.....	32
Fragmentos do Fim (3) .....	39
Damboia.....	41
Fragmentos do Fim (4) .....	50
O Cerco ou Fragmentos de Um Cerco .....	52
Fragmentos do Fim (5) .....	61
O Diário de Manua.....	62
Fragmentos do Fim (6) .....	72
O Último Discurso de Ngungunhane .....	73
AS MULHERES DO IMPERADOR .....	83

# I

Quando chegaram a um dos outeiros mais próximos da aldeia os guerreiros suspiraram de alívio ao contemplar as casas esparsas por entre as árvores de raízes seculares, imersas num silêncio profundo, próprio daquela hora em que o Sol ultrapassava majestosamente a metade do céu sem nuvens, atirando os raios que causticavam os rostos, os dorsos e os troncos nus dos guerreiros, cobertos da cintura à parte superior das coxas por peles de animais bravios.

Ualalapi, à frente dos guerreiros, percorreu com um olhar a aldeia e pensou no doro, nome que leva o pombe preparado nestas terras dos Mundaus, a entrar pelas goelas abaixo, com um bom naco de carne, a sombra da frondosa árvore, tendo defronte a mulher atiçando o fogo e o filho brincando, enquanto a noite entrava, calma, trazendo consigo a Lua cortada e as vozes mais distantes de outros homens que seroavam, pervagando pelo mundo dos feitos nguni, em tempos de guerra e de paz.

Sorriu para os guerreiros que o acompanhavam, carregados de carne fresca, resultado da matança feita no interior das terras, e iniciou a descida por um carreiro sinuoso, alheio ao roçar insistente dos arbustos de metro e meio que se erguiam nas margens quando, a meio da descida, susteve o passo, obrigando os outros a parar e a aproximar-se, ladeando-o.

Dois pangolins, animais de mau agoiro, reluziam ao sol numa atitude de completa sonolência, a meio do carreiro. Ualalapi olhou de soslaio os guerreiros que o ladeavam e viu os mesmos olhos brilhantes, trementes, claros, ausentes. Nada disse. Passou a mão pela

carne fresca, sinal de fartura e de bons presságios, e atirou os olhos aos pangolins, animais agoirentos como já ficou dito. E todos, como que petrificados pela imagem infausta, permaneceram na mesma posição, sentindo o sol a fulminar-lhes os corpos e os arbustos a atirar os ramos mais atrevidos que se dobravam ao contacto com os corpos, durante minutos prolongados, até que os pangolins, recobrando as forças, se retiraram do carreiro, deixando-o livre à passagem dos homens e à flutuação do pensamento que a todos atingiu.

Ualalapi pensou no filho e viu-o tirar da parede maticada o escudo de tantas batalhas. Mas por quê o filho, pensou, e não a mãe do filho que sempre lhe ofertou o corpo em noites de luar e em momentos por vezes impróprios à fornicção? Passou a mão pelo cabelo, tirou uma folha silvestre, olhou para as aves que voavam silenciosas, e sentiu um pequeno tremor no corpo. Não, ela não pode ser, pensou, deixei-a sã de corpo e espírito. E como mulher, mulher nguni, ela vaticina o seu destino. O meu filho também não, é impossível, pois como pode uma criança de pai e mãe nguni morrer inesperadamente aos dois anos, sem que esteja adestrada no trato das armas como os pais e avós? Não, é impossível, à sua família os ventos do infortúnio não chegarão tão já. Talvez a estes guerreiros, pensou, e viu-os cabisbaixos, como se temessem que a terra se lhes abrisse aos pés, tropeçando por tudo e por nada. A estes também não, pertencem ao vulgo, e ao vulgo a infelicidade sempre lhe surgiu, desde o princípio dos tempos, sem enigmas, às claras, como as suas vidas vulgares e sem história e destino senão o de nascerem para servirem aos superiores até à morte. A quem se dirige então este enigma se outra família não tenho que mulher e filho? Olhou para os guerreiros e viu-os na mesma posição rememorativa, pensando nas mulheres e nos filhos, ou nos pais e avós, atirados pelo império sem fim.

Enquanto pensavam nisto e naquilo, recordando coisas antigas e presentes, ligadas aos enigmas que a natureza coloca aos homens sem piedade, estugavam o passo em direção à aldeia que se avizinhava, deserta nas suas ruelas, sem outros ruídos que o rumorejar crescente das folhas das árvores e o altear desordenado da fumaça que saía em algumas cubatas onde o fogo teimava em agarrar-se aos troncos que a cinza atacava.

Aproximaram-se da cubata mais próxima e Ualalapi adiantou-se. Uma mulher de meia-idade, sentada defronte à casa, amamentava uma criança.

– O que se passa, mãe? – perguntou Ualalapi, agachando-se e pondo a lança ao alcance da mão direita.

– Os mochos teimaram em serandar sobre as casas, chiando a toda a hora e trazendo os espíritos há muito adormecidos que perturbaram as nossas mentes e deram a morte a alguns – disse a mulher com um ar cansado, preocupada com o filho que mexia desordenadamente os pés e os olhos, tentando afastar as moscas que teimavam poisar.

– Morreu alguém da sua família?

– O meu marido.

– Lamento imenso, mãe... Lamento imenso. E os homens, por onde andam os homens?

– Quem terá coragem de andar nestes tempos?... Falam com os meus muzimos. Não morreu um homem, morreu o império.

– Quem mais é que morreu?

– Sabê-lo-ás. Os chefes como tu aguardam Mudungazi na praça.

– Certo. De que é que morreu o seu marido?

– De susto. Mas que importância tem a formiga perante o elefante?

– Quantas vezes a formiga não matou o elefante, mãe?

– E quantas vezes o crocodilo saiu da água, homem?

– Obrigado, mamã – disse Ualalapi, perturbado. Soergueu-se, agarrou na lança e virou-se para os guerreiros que o olhavam, cansados de esperar: – Ide guardar a carne e esperai qualquer ordem. Eu vou até à praça – e largou-os sem mais delongas, caminhando célere e alheio ao vento que ia levantando grãos de areia e folhas dispersas pelo chão, formando pequenos remoinhos que se alteavam em círculos desordenados, tocando amiúde o corpo de Ualalapi, coberto por uma camada de sangue e restos de folhas silvestres que se despegavam do corpo com a força do vento que carregava um cheiro estranho, sentido na zona nos tempos imemoriais em que homens de outras tribos viram as casas aluir com a força do vento e da chuva que cobriu a terra e os arbustos de água lodosa e cheirosa no momento que acabavam de enterrar um rei de Manica que vaticinado pelo seu swikiro – nome que os médiuns chonas levam – não tivera

outro tempo de governação que o número de dias iguais aos dedos que as suas mãos carregavam. Mas foi tempo suficiente para medrar com as lutas refeições que pararam no dia fatídico em que morreu de congestão.

E Ualalapi pisava agora, a caminho da praça, o local onde o corpo do rei estivera estendido, no interior de uma cubata, sob o olhar atento dos maiores do reino que tinham o dever de assistir à putrefação do corpo para que os espíritos malvados não se apossassem de partes do corpo, aguentando durante dias e noites o cheiro insuportável da carne podre cujos líquidos caíam em vasilhas preparadas para o efeito.

Ualalapi levou a mão direita às narinas e entrou na praça. Olhou para o céu e viu as nuvens escuras e pesadas a descer das alturas. O vento zurzia as árvores altas e baixas. Acercou-se de Mputa, guerreiro que morreria de forma estúpida e inocente mas cujo rosto permaneceria na memória de todos, como o afirmaram ao pressagiarem o seu destino, sem, no entanto, detalharem as causas da sua morte, pois de histórias em que entram reis e rainhas, todos se apartam, até os swikiros que tudo prenunciam.

- O que é que se passa, Mputa?
- Morreu Muzila.
- Como?
- Dizem que morreu de doença, pois há várias noites que não tirava os olhos do teto da sua casa.
- Uma morte desumana para o nguni.
- Há quem afirme que o pai morreu da mesma forma.
- Não era o desejo deles, Mputa.
- Conheço poucos reis que morreram em batalhas.
- Mas todos afirmam que é a melhor morte.
- Quando se referem aos guerreiros.
- Pensas muito depressa.
- A guerra assim nos ensina, Ualalapi.
- Tens razão... Sentes este cheiro?
- É o cheiro da morte. Quando um rei morre, alguns súbditos devem acompanhá-lo.
- Falei com uma mulher que perdeu o marido.

– Houve outras mortes por aí. A velha Salama quando soube da morte do rei dirigiu-se a uma das margens do rio e esperou pelos crocodilos dos seus antepassados que a vieram buscar meia hora depois de ela ter estado, sentada, contemplando as águas do rio. O velho Lucere morreu durante a sesta, devorado pelas formigas-gigantes que não deixaram um bocado de carne do seu corpo velho. Chichuaio, ao entrar em casa, viu-se rodeado de serpentes que lutaram pela posse do corpo. E há mais casos, é sempre assim.

– Eu sei, mas é incrível! Há quanto tempo aguardam Mudungazi?

– Desde o entrar da tarde. Este cheiro incomoda...

– É dos mortos há muito desaparecidos, Mputa.

– Os ossos não cheiram, Ualalapi.

– Mas os espíritos tudo podem fazer.

– Tens razão. Levantemo-nos. Mudungazi vai aparecer. A caça que tal foi?

– Boa. Há muita carne.

– Fartura no meio da desgraça.

– É isso – disse Ualalapi, limpando o corpo. As nuvens que ameaçavam a aldeia começaram a afastar-se, carregando o vento e o cheiro da morte que pairou sobre a aldeia durante a semana em que Ualalapi esteve no interior das terras de Manica.

## II

Numa voz entrecortada, chorosa, mas que ia ganhando força ao longo do discurso, como é próprio das pessoas que têm a mestria de falar para o povo, Mudungazi começou o seu discurso perante os chefes guerreiros afirmando que as coisas da planície não têm fim.

– Há muitas e muitas colheitas que aqui chegámos com as nossas lanças embebidas em sangue e os nossos escudos fartos de nos resguardarem.

»Ganhámos batalhas. Abrimos caminhos. Semeámos milho em terras sáfaras. Trouxemos a chuva para estas terras adustas e

educámos gente brutalizada pelos costumes mais primários. E hoje essa gente está entre vocês, nguni!

»Este império sem medida ergueu-o o meu avô depois de batalhas incontáveis em que sempre triunfou. Nele espalhou a ordem e os costumes novos que trouxemos. E ao morrer indicou o seu filho Muzila, meu pai, como sucessor. Muzila tinha um coração de homem.

»Era bondoso. E muitos aproveitaram-se da sua bondade. Entre eles Mawewe, seu irmão, que no meio das cabalas vergonhosas quis e conseguiu usurpar o poder sem anuência dos espíritos e dos maiores do reino que tinham aceite Muzila como sucessor, pois fora ele o primeiro a abrir a sepultura onde o seu pai repousaria para todo o sempre. Mas Mawewe esqueceu-se disso e tomou o trono por um tempo que a história não registará e se registar será com a perfídia estampada no rosto desse homem que não ousou chamar tio.

»Nesse tempo, meus guerreiros, a terra cobriu-se de cadáveres inocentes e as águas tomaram a cor do sangue durante semanas e semanas, levando pessoas a beber o sangue dos seus irmãos mortos por não suportarem a sede que os atormentava. E tudo por teimosia de Mawewe em se manter no poder.

»Muzila morreu, meus guerreiros. À beira da morte indicou-me como seu sucessor. A sua sepultura deverá ser aberta por mim.

»Acham que a história se vai repetir?

Os guerreiros, num compasso preciso, bateram os escudos de pele na terra e disseram «não».

– Estais comigo – disse Mudungazi –, não pela fidelidade para comigo, mas por terem acatado as minhas palavras. Esperava isso de vocês.

Susteve o discurso por momentos e percorreu com o olhar raiado de sangue os guerreiros que se mantinham em silêncio. O Sol caía. O vento estava calmo. Nuvens brancas sobrepunham-se às nuvens escuras no céu azul.

– O meu irmão Mafemane – prosseguiu – vive a uns quinze quilómetros daqui. Consta-me que se prepara para partir a fim de abrir a sepultura do meu pai. A história não deve repetir-se. O poder pertence-me. Ninguém, mas ninguém poderá tirar-mo até à minha morte. Os espíritos poisaram em mim e acompanham-me, guiando as

minhas ações lúcidas e precisas. E não irei permitir que haja a mesma carnificina como no tempo da entronização de Muzila, porque irei atuar já. Os homens que não me conhecem, conhecer-me-ão. Não vou partilhar o poder. Ele pertence-me desde que nasci do ventre de Lozio, minha mãe, a mulher preferida de Muzila. E serei temido por todos, porque não me chamarei Mudungazi, mas Ngungunhane, tal como essas profundas furnas onde lançamos os condenados à morte! O medo e o terror ao meu império correrão séculos e séculos e ouvir-se-ão em terras por vocês nunca sonhadas! Por isso, meus guerreiros, aguçai as lanças. Teremos que limpar, o mais urgente possível, o atalho por onde caminharemos, para que não possamos tropeçar com possíveis escolhos.

Assim finalizou Mudungazi o contacto com os guerreiros. A noite entrava. Seguido pela tia, de nome Damboia, Mudungazi dirigiu-se à palhota grande, bamboleando as carnes fartas que pouco mudariam até à morte que teria em águas desconhecidas, envolto em roupas que sempre rejeitara e no meio de gente da cor do cabrito esfolado que muito se espantara por ver um preto.

### III

- Tens o hábito de subires as árvores pelos ramos, Mudungazi.
- Entenderam, Damboia.
- Duvido.
- A um guerreiro só se mostra o alvo.
- E porque não indicaste o homem que deve executá-lo?
- Fá-lo-ei ao raiar do dia. E não te preocupes com Mafemane: os abutres já se preparam para devorá-lo. Bebamos o doro pela minha ascensão ao poder deste império.
- À tua saúde, Ngungunhane.
- É isso: Ngungunhane. Serei para todo o sempre Ngungunhane e morrerei de velhice. Assim o quiseram os espíritos.
- O que é que se passa, Ualalapi?

- Morreu Muzila.
- Sei. Mas o que é que Mudungazi disse?
- Mafemane deve morrer.
- Pela porta da casa entra um de cada vez.
- E o outro espera no terreiro.
- Ah... os homens sempre evitam dar as costas a alguém. É perigoso.
- Nem sempre. Mas quem o vai matar?
- Estás muito preocupada. Esquece isso. A água para o banho está pronta?
- Está no lume. Esta situação preocupa-me.
- Porquê?
- Tive sonhos esquisitos.
- É normal em dias de luto.
- Sonhei com a tua morte.
- Minha morte?
- Sim.
- Como é que morri no sonho?
- Morreste andando. A tua voz sustinha o teu corpo sem vida.
- Eu e o teu filho morremos afogados pelas lágrimas que não pararam de sair dos nossos olhos.
- Incrível, mas nada disso vai acontecer, mulher.
- Estou com medo, Ualalapi. Estou com medo. Vejo muito sangue, sangue que vem dos nossos avós que entraram nestas terras matando e os seus filhos e netos mantêm-se nela matando também.
- Sangue, Ualalapi, sangue! Vivemos do sangue destes inocentes.
- Porquê, Ualalapi?...
- É necessário, mulher. Nós somos um povo eleito pelos espíritos para espalhar a ordem por estas terras. E é por isso que caminhamos de vitória em vitória. E antes que o verde floresça é necessário que o sangue regue a terra. E neste momento não te deves preocupar com nada, pois estamos em tempo de paz e luto.
- E os teus irmãos, Mudungazi?
- Quais?... Como Anhane Mafabaze?
- Sim.

– Não terão coragem de se opor às minhas ordens. O perigo está com Mafemane. Esse é que deve morrer.

– Se te indicarem para matares Mafemane não aceites, Ualalapi.

– Talvez não seja eu a pessoa indicada. Mas porquê?

– Temo pela tua vida, Ualalapi.

– Não te preocupes. Eu só morrerei em combate como o meu pai que com quatro lanças enterradas no peito teve a coragem única de arremessar a lança que hoje utilizo no peito de um tsonga a uns dez metros de distância. Só morrerei em combate, mulher. É o meu destino, é o destino de todos os grandes guerreiros nguni.

– Não te enganes, Ualalapi. Muitos foram os guerreiros que morreram de forma estúpida e sem estarem em combate. Sereko, que tanta gente matou em combate, morreu com uma mordidela de serpente enviada pelo avô descontente. Makuko morreu no mato, defecando sem parar durante quinze dias seguidos. E quando o encontraram, já morto, a merda ainda lhe saía do corpo. Tiveram que o enterrar com a merda que não parava de sair. E tu não podes fugir a isso. Também se morre fora de combate. E eu tenho medo, Ualalapi.

– É um sonho, mulher.

– E quantas vezes errei nos meus sonhos?

– Podes ter razão, mas se for para morrer como poderei fugir ao destino?

– Não fales assim. Exasperas-me. O que te peço é que recuses a ordem de matares Mafemane.

– Devo a fidelidade a Mudungazi.

O sol não queimara ainda o orvalho quando Manhune e os guerreiros a seu mando se aproximaram da aldeia de Mafemane, pondo-se à escuta de sinais de partida. Mas o silêncio, o mesmo silêncio que a todos tocava naqueles dias de luto, cobria as palhotas de Mafemane e os seus homens e mulheres. Nas ruelas nada se via para além de pequenas folhas e bocados de bilhas partidas, esparsas pelo chão. Manhune deixou grande parte dos guerreiros que o acompanhavam e levou dois à casa de Mafemane que se erguia no centro da aldeia. Algo os atemorizava naquele silêncio, pois ao caminharem para o centro da aldeia não ouviam outros ruídos que o som dos pés nus, calcando a terra húmida. Mafemane, alto, imperturbável,

estava defronte à sua casa, de pé, com as mãos cruzadas no peito largo e forte.

– Esperava-os – disse Mafemane, aproximando-se de Manhune.  
– Sei que Muzila morreu. Sei também que o meu irmão foi escolhido como sucessor, apesar de eu ser o filho primeiro da inkonsikazi de Muzila, Fussi. O trono pertence a Mudungazi. Sei também que vieste com ordens para me matar. Estou preparado para morrer. Mas peço-vos que me deixeis despedir das minhas mulheres e dos meus filhos. Vinde ao cair do dia.

As palavras, como que vindas das alturas, entraram na mente de Manhune e dos guerreiros com tanta clareza que ficaram petrificados pela calma e a serenidade de Mafemane. Este sorriu e fixou-os. Os olhos eram transparentes, brilhantes, chocantes. Sem conseguirem responder, os homens de Mudungazi começaram a recuar, com os olhos postos em Mafemane. Manhune tropeçou, caiu, levantou-se, deu costas a Mafemane e pôs-se a andar num passo tão rápido que os guerreiros que o esperavam ficaram surpresos e perturbados.

– O que é que se passa, Manhune?

– Não me perguntem nada. Vamos, vamos à nossa aldeia.

E pôs-se na dianteira. Chegados à aldeia tentaram explicar a Mudungazi o que viram e ouviram, mas Damboia, com os olhos reluzentes, interpôs-se, vituperando-os como ninguém fizera desde os tempos em que aprenderam a manejar as armas. E para eles o exprobro tornava-se insustentável por vir da boca de uma mulher, uma mulher com má fama, apesar de ser da corte.

– É esta a guarda de elite com que contas, Mudungazi?... Uma cáfila de cobardes, cães que só sabem ladrar. Que fidelidade jurasteis para Mudungazi? Que fidelidade, seus cães?... Não, não me respondam, não tendes direito à palavra. Devíeis ser entregues aos abutres. É isso que merecem, crianças, filhos malparidos! Vindes aqui tentar convencer-nos que Mafemane, sabendo da sua morte, quis despedir-se das mulheres e filhos. Porque não fê-lo antes? Ah, seus cães, imbecis, estúpidos, crianças sem juízo!... Mafemane prepara-se para fugir, e já deve ter partido. Estúpidos. E tu, Mudungazi, ainda tens coragem de dar guarida a cães que só sabem ladrar? No teu lugar matava-os... Não percamos mais tempo com esses estúpidos. Vai, Maguiguane,

Mputa e Ualalapi. E levem os guerreiros que quiserem. Mas não apareçam nesta aldeia sem o corpo de Mafemane, nem que tenham que fazer desaparecer a floresta que voz rodeia. Avancem!

A mulher de Ualalapi acompanhou com o olhar o marido até este desaparecer na floresta. Pegou no filho e começou a chorar mansamente. Entrou na cubata e não mais saiu até à morte do filho e dela, afogados pelas lágrimas que não pararam de sair dos olhos desorbitados durante onze dias e onze noites.

Ualalapi, longe dos tormentos da mulher, aproximou-se da aldeia de Mafemane. O Sol tornara à cor vermelha. A tarde fugia. Ao divisarem a casa de Mafemane, Ualalapi ficou com os seus guerreiros a uns quinze metros de distância. Maguiguane e Mputa adiantaram-se, à direita e à esquerda, respetivamente, deixando um corredor a meio, onde, ao fundo, Mafemane, com um sorriso nos lábios, os esperava, de pé, frente ao ádito da sua casa.

– Pensei que não viessem – disse Mafemane, percorrendo-os com o olhar, um olhar penetrante, incisivo. – Não era necessário tanta gente, bastavam dois. Mas estou pronto. Podeis matar-me. Sei que não podereis entrar na vossa aldeia sem o meu corpo. Conheço Mudungazi de criança. E conheço essa crapulosa mulher que tem por nome Damboia. Não vos quero roubar tempo, andasteis muito. Podeis matar-me.

Bocados de palha soergueram-se de uma palhota próxima. Tremeram no ar calmo e voltaram a poisar. Dois pássaros cortaram o céu. Uma criança chorou. A mãe abafou o choro. Mafemane sorria. Maguiguane quis levantar a lança. Não conseguiu. Sentiu a mão pesada. Mputa permaneceu na mesma posição, impassível. Mafemane sorria. O Sol descia, vermelho. Os minutos passavam. O silêncio carregava-se. A noite entrava.

Do fundo do corredor uma lança cortou o ar e foi-se enterrar no peito de Mafemane. Este, alto que era, atirou o corpo para trás e voltou à posição inicial, cravando os olhos em Ualalapi que fugia.

– Quem é? – perguntou Mafemane.

– É Ualalapi – responderam os guerreiros mais próximos.

– Chamem-no. Ele tem que acabar comigo, como mandam as regras. Donde é que é?

– É nguni.

– Ah! – suspirou sorrindo.

O corpo começou a vergar. Ao dobrar para a frente a coluna, a lança enterrou-se mais no peito ensanguentado. Voltou com algum esforço à posição inicial e lançou um jato de sangue. Os joelhos foram-se aproximando à terra e assentaram definitivamente no chão, segundos depois. Enterrou as mãos na areia e manteve-se na posição genuflexa durante segundos prolongados, esperando Ualalapi que se aproximava, de cabeça baixa. A dor no peito era de tal ordem que caiu de costas, apontando os olhos para o céu onde três estrelas despontavam. Sem a coragem de o olhar, Ualalapi aproximou-se de Mafemane, ajoelhou, tirou a lança do peito e voltou a enterrá-la vezes sem conta. O rosto, o tronco e outras partes do corpo de Ualalapi foram-se cobrindo de sangue quente, expelido do corpo de Mafemane, já morto. E à medida que o sangue ia correndo pelo corpo de Ualalapi, este mais fechava os olhos e enterrava com maior fúria a lança no tronco perfurado, desfeito, irreconhecível. Maguiguane e Mputa aproximaram-se.

– Chega – disseram –, há muito que morreu.

Ualalapi susteve a lança a poucos centímetros do peito de Mafemane e soergueu-se. Passou a lança para a mão esquerda e pôs-se a correr, atravessando as casas da aldeia, e gritando como nunca ninguém ouvira um «não» estridente, lancinante. Desapareceu na floresta coberta pela noite, quebrando com o corpo as folhas e os ramos que os olhos ensanguentados não viam. Minutos depois o choro de uma mulher e de uma criança juntaram-se ao «não» e ao ruído da floresta a ser arrasada. E o mesmo ruído cobriu o céu e a terra durante onze dias e onze noites, tempo igual à governação, em anos, de Ngungunhane, nome que Mudungazi adotara ao ascender a imperador das terras de Gaza.